

rio, 14 de fevereiro de 1918.

GABINETE DO MINISTRO
DAS
RELAÇÕES EXTERIORES

Meu caro Ethonhô,

Muito obrigado pela sua carta de 8, escrita por um coração leal e bom. Sou e serei sempre o mesmo e para cada um de vocês só tenho e guardo um fraternal affecto.

Tenho uma immensa pena de Leonor, muito maior do que vocês podem imaginar. Si lhe fosse dado reflectir melhor, ella reconheceria a razão do meu proceder e benediria a minha attitude reagindo contra um modo de vida intoleravel; si não o faz é porque não sabe pregar sentimentos alheios, nem evitar a sorte, que se criou, e contra a qual você, o irmão

CABINETE DO MINISTRO
RELACOES EXTERIORES

e eu tanto e de balde lutamos. . .
 . . . e a nossa situação melindrosa
 devia ficar o mais depressa possível
 resolvida e definida, mas você bem
 sabe que no nosso caso a lei não
 permite agir com precipitação, foi
 prudente com os casacos arrufados, e
 por isso, salvo melhor juízo do irmão,
 especialmente de você, a quem dou carta
 branca para agir como entender, creio
 que, apagar o separador de facto, não
 temos remédio não aguardar a expi-
 racão do prazo de dois annos de casado,
 quando se torna possível o desquite

amizavel em juizo, ficando por em
 dia 22 de novembro proximo passado
 suspensa a communhão na renda do
 bens.

efamãe e os meus muito se recom-
 mendam a vocês todos. Aceiti com
 Trausa, todos os seus, irmãos e mais
 parentes muitas saudaes e abraços

do seu muito amigo e cunhado
 Cláudio Coelho Rodrigues.